

CATEGORIA: *Prosa*

3º prêmio

A PORTA DA TRAIÇÃO

Cátia Andreia dos santos Caneira

*Eu não sei o que é o amor*

*mas se é isto...*

*isto que me juram e prometem*

*Será?*

*...*

*A colher*

*ora na boca dele ora na língua dela. O palito la reine como uma ponte entre os lábios dos dois, desfeita em volúpias e mordidas de afecto, parece até negar-se a enlear. Eu estive lá. Sei como foi. Sou testemunha.*

*De mãos dadas no passeio de fim de tarde debaixo das videiras, enquanto eu, lá ao longe e tão perto que me arrependia, acenava parvamente, e mil flashes de filme rodopiavam ante os meus olhos da cor que a Isabel desconhecia.*

*Eram castanhos e são-no ainda. Eu pelo menos assim o espero. Que sejam castanhos.*

*A palhinha ao canto da boca e o sorriso cândido dos meninos saindo do lausperene. Eu sei como foi. Eu estive lá. Eu assisti a tudo.*

*Mordidas as dobras dos lençóis*

*isso já não sei mas imagino. E ganha então mais força essa imagem da Isabel a contorcer-se de não sei o quê, que disso pouco sei*

*do Amor*

*Eu não sei que coisa é o amor*

*Não sei que coisa seja o amor*

*Não sei o que foi o amor*

*Não sei se saberei o que será o amor*

*Mas se é isto...*

*Será?*

*Horas que ameaçam a eternidade dentro dum automóvel, na fila para a Póvoa de Varzim. De mão dada junto ao casino enquanto medito na possibilidade de não haver vila em Portugal cujos prédios sejam tanto a maresia quanto os prédios da Póvoa, com o limo a escorrer nas paredes e a enfaixar-se na pele e no cabelo. No meu e no do Romeu. Não no da Isabel, que não me conhecia tinha eu onze anos, a macular as mãos na corrente da bicicleta e em jeito de resposta ao meu tio Fernando:*

*- Logo sou capaz de ir até à Póvoa...*

*A pedalar desde Barcelos.*

*Eu não sei o que é o amor*

*mas o cabelo da Isabel desprendia-se aos ventos, voando por sobre o limo escorado do placar do restaurante, enquanto eu despejava litros de champô que não enxotava, por nada deste mundo, o mar a namorar as rochas, que o amor*

*que eu não sei que coisa seja*

*«quer-se batidinho» já o dizia a minha tia Olinda*

*O som do amor ao fundo da praia, bem perto do prédio onde irrevogavelmente íamos parar em finais de Agosto, enquanto a Isabel perguntava*

*queres uma sanduíche?*

*E a resposta do Romeu, deitado sobre o sofá, era um esticar do corpo, enquanto eu lhe notava o limo debaixo das unhas, juro-o hoje, debaixo das unhas imaculadas*

*queres um gelado?*

*queres um sumo de laranja?*

*ou de pêsego?*

*queres uma maçã?*

*queres uma almofada?*

*Eu estive lá. Sou testemunha. Eu sei como foi.*

*queres o amor? isso já não sei mas imagino*

*queres-me tua?*

*queres-me a contorcer de não sei o quê que eu do amor pouco ou nada sei senão que se quer batidinho como as ondas que oiço lá fora e que se metem pelo cabelo pelo meu e não pelo da Isabel que guardava dentro de si o amor*

*e o amor é isto?*

*Tantos quilómetros, tantos palitos la reine e colheres na boca, tanto casino e sal e orvalho e areia e prédios de sargaço e refrigerantes e Buster Keaton a dizer tanto*

*tanto tanto*

*tanto*

*tanto para isto*

*- A Isabel traiu-me.*

*Tamborilo os dedos sobre a mesa, esgravato os bolsos à procura de resposta, aspiro as ondas contra as rochas e não me sai nada senão a recordação dos meus onze anos sem conhecer a Isabel, mas logo sou capaz*

*de ir até à Póvoa. E passaram anos até aos meus trinta e dois, até que a Isabel me sorrisse sem saber que eu não sabia o que era o amor, sem saber que se o amor é isto, isto que o Romeu me diz com os seus anos e as suas colheres e os seus paiitos la reine e a sua Póvoa salgada e húmida como a rocha namoradeira a jurar e a prometer saudades*

*E eu sei lá se o amor se quer batidinho...*

- A Isabel traiu-me.

*E nada. Procuo, escarafuncho, esquadrinho, exploro-me, sondo a terra e o mar, bato com a palma da mão nas rochas e outra vez o amor a acenar-me ao longe, como um deus que tudo quer porque sim e simplesmente porque sim e outra vez o cheiro húmido e viscoso do mar da Póvoa e da areia graúda e pesada que fingi gostar só para admirar o diálogo surdo*

*queres uma maçã?*

*O diálogo de amor era o que era.*

- Os dois sentadinhos na beira da cama. Ela com o lençol a tapar-lhe as coxas e ele com as pernas cruzadas. Como os meus alunos do liceu, sabes? mas mais despidos. Ainda mais despidos do que as meninas de Maio e Junho

com as calças curtas a desvelarem a roupa interior e a marcarem-lhes as barrigas, porque, não sei se já reparaste, as meninas de hoje têm a cintura das calças desenhada na anca e está-me a parecer que o corpo feminino há-de moidar-se ao despotismo desta compostura. Mas isso agora pouco interessa. O que interessa é que a cabra traiu-me mas não se livrou de mim sem saber que em Óbidos há uma porta da traição com uma história por trás. E qual é a surpresa? Todas as coisas têm uma história. E não é preciso ter sangue nem coração para se ser imortal. Há coisas, querido amigo, que valem mais do que a existência humana. Coisas, objectos, sabes?

*Quando vou a Óbidos quero ser gigante para poder arranhar as paredes das casas ladeando as ruas que percorro. Quero esticar-me entre os muros e morder as portas do castelo. E o luar confunde-se com as luzes jorradas dentre as janelinhas nas fachadas que não consigo arranhar. E se ouço as carroças batendo a calçada, sinto um cheiro medieval que me conflui à ponta dos dedos tamborilando sobre a mesa da esplanada enquanto o Romeu me diz que o amor é isto*

*isto e pouco mais*

*e em Óbidos não há amor batidinho senão a lassidão da Lagoa*

*«D. Sebastião esteve aqui uma única vez, fugido a uma peste que desolava a cidade de Lisboa. Folgou na lagoa com alguns fidalgos.»*

*e agora tia Olinda? O que é o amor? Vá, diga lá o que é o amor senão estas canas de pesca lançadas à extenuação do lago...*

- Palavra de honra que lhes contei a história toda. No fundo, eles têm que aprender... e eu pouco mais sei do que ensinar.

*E desata num riso que invejo porque é de quem sabe que o amor é mais do que isto*

*isto que me diz*

*e que me dá saudade*

*Tantos quilómetros e a minha pele crespada, como os meus lábios se metem pela boca dentro quando imagino que me roçam um pedaço de ganga nas gengivas e na língua. Isto era a Póvoa de Varzim mais o amor diante dos meus olhos*

*um gelado*

*leite com café e bolachas*

*um refrigerante*

*e o limo entre as unhas do Romeu, no placar do Restaurante e entre as engrenagens das máquinas do Casino. O rugido do mar que não atino em lembrar porque me não sai dos sentidos a humidade dos lençóis na Póvoa.*

*- Lembras-te quando fomos a Óbidos?*

*Oiço as vagas do tempo trespassando-me. Passo diante da ermida da Senhora do Carmo e vejo-me ao fundo de oito anos e um Setembro depois dum Agosto da Póvoa.*

*«Júlio César já cá esteve a respirar este ar. Bom... este não que entretanto se meteram mais uns enxofres e chumbos pela atmosfera, mas algo parecido. Consta que por aqui edificou uma cidade já desaparecida com um nome deveras sugestivo»*

*Lembro a pausa do Romeu, o cabelo da Isabel a esvoaçar, pendão ao vento*

*Pó*

*A Póvoa é um pó impossível porque é húmido, a enfaixar-se nos cabelos e em todos os poros da pele*

*Pó*

*cidade edificada por Júlio César*

*também tu Romeu?*

- Digam lá se não é sugestivo o bendito nome?... E tu Isabel, o que achas? Não dizes nada? Não me perguntas se quero um iogurte? Vem partilhar a colher e a mousse de chocolate, pergunta-me se quero um refrigerante, se quero fiambre e queijo, pergunta-me se o pó da Póvoa é húmido, massaja-me os pés, deita-te comigo, contorce-te não sabe bem do quê que do amor nada saberia não fora a tia Olinda e o latejar do limo nas rochas, vem ouvir o amor ao fundo da praia, passemos o fim-de-semana na Póvoa, joguemos o nosso destino nas roletas do casino conta-me os teus segredos vem passear debaixo das videiras diz-me que sou mais alegre do que o Buster Keaton tiremos fotografias às gaivotas azulando diante da correria dos rapazes de perna-de-pau na mão e na Póvoa é sempre tão húmido e áspero mas logo sou capaz de lá ir de bicicleta se conseguir fixar esta maldita corrente que é como um coração enleado não sei se me entendes eu sei que entendes porque aqueles a quem o mar da Póvoa não encarde o cabelo tudo entendem são como Santos no leito de morte

*como Pó*

*E Júlio César a saudar-nos ao longe, onde oiço o mar embater nas rochas.*

- Palavra de honra que lhes contei a historieta. Tenho esta tendência de me lembrar das coisas quando me desiludem as pessoas.

*No fundo isto é um fim nosso  
que não sabemos que não pretendemos partilhar  
como se ficasse entre nós  
aqueles anos todos lá atrás e os que hão-de vir aqui e adiante  
mas continuo a perguntar*

*é isto o amor?*

*somos nós o amor?*

*Somos isto?*

*Eu não sei que coisa seja o amor*

*Mas se somos isto...*



*Seremos?*

- Estou a brincar com as palavras. Ora ouve, escuta, estás a compreender? Mas é ou não é? Tenho ou não razão? Não há neutralidade – é que temos de nos assumir! Afinal és o quê? Acaso és um daqueles espectros que apregoam pelo mundo o seu «Carpe diem»? Nem morto nem vivo, sem passado e sem futuro. E quando os oiço falar do primeiro dia do resto das suas vidas, estão sempre com as mãos sobre um teclado de computador...

*Quem diz o quê? Que coisa bate nas rochas?*

- Temos de o dizer! Ai de nós se o não dizemos! Isto é para ser dito! Belisca-me aqui o braço, vá! Com força, homem!

*Pó*

- E Óbidos é sempre tão bonito ao anoitecer...

*Júlio César*

- a acenar-nos ao longe, as suas luzes difusas e doiradas. O castelo a obrigar-nos a inventar amores...

*Invento amores*

*se não sei que coisa é o amor*

*senão isto*

*o castelo de Óbidos*

*e Pó*

- D. Afonso Henriques, já sabemos, sabia-a toda.

*então sou o doutor Pó a remexer em tubos de ensaio num laboratório branco como a espuma do mar, da Póvoa de Varzim à Foz do Arelho*

- ora Torres Vedras e Alenquer eram praças que não contentavam a ânsia guerreira do Rei. Digo-o e não preciso de requerimento. Portanto, havia tempo para tomá-las. Óbidos era outra coisa, era um desafio. De tal maneira que o cerco não se viu livre das dificuldades atizadas pelos ataques nocturnos dos mouros. Mas quem, pelos deuses, acompanhava o nosso bendito Rei? O outro-nosso Lidador, Gonçalo Mendes da Maia de seu nome. O que me dizes a isto Isabel?

*Já não sei donde me vêm estas luzes doiradas; se da Póvoa se de Óbidos. Já não sei onde fica a cidade do Pó. Pó*

*Póvoa*

*Óbidos*

*Mas é isto*

*o Amor*

- e o que sugeriu Gonçalo Mendes da Maia, apoiado por alguns companheiros? Que se atacasse o lado Poente da Vila, enquanto um grupo de eleitos arriscaria uma acometida sob o véu da noite e da vegetação que à época cobria essas paragens, do lado Nascente. Aí tendes. Aprontado o grupo de cavaleiros, cobertos de arbustos e engalfinhados no negrume, aproximaram-se da porta do Castelo *que me apetece morder, juro-te que me apetece morder* enquanto o exército arremetia, na chamada hoje Porta da Vila, a manobra de diversão do Poente.

*Mas não me vejo deitado no sofá com o limo nas unhas. Vejo-me tal e qual fui*

*Inutilmente*

*vago como as vagas deste mar que não cabe no mundo de alguém que assim o quis*

*Tantos quilómetros e areia para isto*

- liderados pelo Lidador, o grupo de cavaleiros nascentes subiu a ladeira que conduzia à dita Porta. E quem avistou os nossos heróis senão a filha do alcaide mouro Ismael, cujo nome não sei mas aposto que era Isabel... Porque,

tontinha como a minha princesa, perguntou ao pai se os arbustos também caminhavam. E o velho, suponho que o tivesse sido, respondeu-lhe que não, que os arbustos não tinham pernas para andar por aí, assim, de um lado para o outro, como eu e tu, como esse idiota que as cruza como se eu lhas fosse arrancar. E tu o que respondeste Isabel? Vá, diz lá o que respondeste!

*Queres um palito la reine? A corrente da minha BMX azul e branca como o céu já não sei se de Óbidos se da Póvoa, sempre a despegar-se e a tingir as minhas mãos de um negro que não saía, tal e qual, garanto-vos, os espectros de cloreto de sódio da Póvoa, que se nos metem pelos cabelos até à eternidade*

- a Isabel lhe diz que lá em baixo estão arbustos a caminhar, como eu e tu junto ao Casino, de mão dada, éramos tão felizes Isabel e nunca mais o seremos nunca mais o seremos nunca nunca mais o seremos porque eu sou o Alcaide a gritar sou a Lagoa de Óbidos e a ausência de mar e nunca mais serás minha nunca nunca nunca mais me perguntarás se quero uma almofada para melhor ver televisão atenta bem nisto porque nunca mais é tempo demais nunca entendes bem nunca sabes o que isso é não sabes porque eu sei e quase sou capaz de não querer nunca mais e de te abraçar e apertar a tua carne e passar um fim-de-semana em Óbidos disfarçado de arbusto para que me esqueças para que não me reconheças Isabel nunca mais nunca mais nunca nunca mais é muito tempo tanto que o Alcaide grita com os olhos postos a Nascente

*Traição!*

- nunca mais Isabel, nunca digas nunca mais seremos felizes em Óbidos nunca mais te falarei em Júlio César e Pó e temos de perder a neutralidade sou o Lidador *outra vez a gaivota a sobrevoar o castelo de Óbidos e a Isabel, imbecil, a perguntar se tu querias um refrigerante* e se os arbustos caminhavam assim de um lado para o outro como tu e a Isabel junto ao Casino da Póvoa de Varzim e as máquinas atravancadas pelas algas e conchas e pela densa areia que se metia pela corrente da BMX e logo sou capaz de ir até Óbidos desde

*Barcelos hei-de pedalar até se me rebentarem as veias das pernas até se me criarem varizes como as da tia Olinda a pescar na Lagoa de Óbidos e a ensinar a D. Sebastião que o amor quer-se batidinho mas porque raio não bate a água nas rochas em Óbidos?*

- Agora diz-me se contei ou não a Traição? Diz-me! Belisca-me o braço e perde a neutralidade.

*Traição*

*Já nem sinto as pernas de tanto pedalar  
já não sou arbusto  
não sou Lidador*

*não caminho como tu e a Isabel*

*isto é o amor  
é isto o amor  
arbustos de um lado para o outro  
uma porta que não mordo  
luzes que não sei  
sonhos medievais que esqueci  
a tia Olinda a pescar  
D. Sebastião a nausear-lhe as varizes  
Pó a meter-se pelos poros da pele  
Júlio César a acenar lá ao longe*

*e logo sou capaz de ir até à Póvoa...*